

RECURSOS LINGÜÍSTICOS EM *PHYSIOLOGIE DU MARIAGE* (1829), DE HONORÉ DE BALZAC

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, em primeiro lugar, apontar alguns dos recursos linguísticos que o autor oitocentista Honoré de Balzac emprega ao longo da *Physiologie du mariage*, obra publicada anonimamente em 1829. Dividimos tais recursos entre: neologismos, enigma, metáforas e humor. Após apontá-los, buscaremos investigar qual é a relação que há entre tais recursos e o conteúdo da obra, uma vez que esta foi considerada, no período de sua publicação, por diversos críticos, como “escandalosa”. A *Physiologie du mariage* tem como tema principal o adultério cometido pelas mulheres e, em alguns momentos, Balzac defende tais mulheres adúlteras e chega até mesmo a admitir que o amante é um elemento necessário na composição do casamento. Visto isso, procuramos analisar de que forma tais recursos discursivos – principalmente os chistes, calembures e anedotas, integrantes do item humor –, aliviam, por assim dizer, a “verdade” que o autor busca expor na obra.

Palavras-chave: Honoré de Balzac. *Physiologie du mariage*. Adultério. Casamento.

Abstract: In the first place, this article aims to show some of the linguistic resources that the 19th-century author Honoré de Balzac uses in his *Physiologie du mariage*, an anonymously published work from 1829. We split these resources into neologisms, enigma, metaphor and humor. After showing them, we intend to investigate what is the relationship between these linguistic resources and the work’s subject, since the *Physiologie du mariage* was considered “scandalous” by many critics at the time of its publication. The main subject of the *Physiologie du mariage* is the adultery committed by women. Sometimes one can realize that Balzac had tried to defend these adulteresses from the common sense that says that only men and commit adultery. The author had evens stated that a lover is a necessary element to the marriage. Given that we intend to analyse how these linguistic resources – especially the jokes and puns, that belong to the item humor –, ease the sort of “truth” expressed by Balzac.

Keywords: Honoré de Balzac. *Physiologie du mariage*. Adultery. Marriage.

1. A *Physiologie du mariage*: « S’embarque avec nous qui voudra, rira qui pourra »¹

A *Physiologie du mariage*, impressa, mas não editada, inicialmente em 1826, ainda incompleta – contando com apenas treze meditações –, e com o subtítulo de “préoriginale”, foi uma das primeiras obras a render fama ao autor, ao ser publicada definitivamente três anos depois. Segundo informações fornecidas por Lovenjoul, em *Histoire des œuvres de H. de Balzac* (1879), em 1829, a editora Charles Gosselin et Urbain Canel publica a edição, por assim dizer, definitiva da *Physiologie du mariage*, em dois volumes in-8°, composta

¹ BALZAC, H. *Physiologie du mariage*, p. 39.

por trinta meditações, com uma introdução datada de 5 de dezembro de 1829 – que permanece até hoje –, e, um dos fatos mais curiosos, assinada por “un jeune célibataire”.²

Entretanto, quanto às datas, há um certo conflito; Honoré de Balzac escreve, na última página da obra, “Paris, 1824-1829”, mas apenas a última data pode ser confirmada. Quanto a 1824, Sacy (1971, p. 441) afirma: “on est fondé à soupçonner Balzac de l’avoir avancée d’un an ou deux par rapport à la réalité, pour s’arroger un droit d’antériorité sur Brillat-Savarin, qui avait publié sa *Physiologie du goût* en 1826.” Contrário a essa suspeita, no entanto, Balzac, depois de apresentar a “biographie de son livre” na introdução da *Physiologie du mariage*, diz de Brillat-Savarin (1755-1826):

Ce système a été consacré par un écrivain qui faisait sur le GOÛT un travail assez semblable à celui dont il s’occupait sur le MARIAGE, et auquel il se permettra d’emprunter quelques paroles pour exprimer une pensée qui leur est commune. Ce sera une sorte d’hommage rendu à son devancier dont la mort a suivi de si près le succès.

O próprio autor admite, então, que foi inspirado pelo autor da *Physiologie du goût*, obra que parece ter dado início à tendência de versar sobre temas sociais, tais como moda, casamento e gastronomia, em forma de tratados científicos; a título de curiosidade, em um estudo sobre as fisiologias no século XIX, feito por Nathalie Basset (1986), descobriu-se que, apenas entre os anos de 1840 e 1842, foram publicadas cerca de 124 *physiologies* na França. Ainda que nenhuma tenha copiado o título dado por Balzac, muitas dessas fisiologias tinham como tema o casamento, como, por exemplo: *Physiologie de l’homme marié*, *Physiologie de la vie conjugale et des mariés au treizième*, *Physiologie de la première nuit des noces*, *Physiologie du prédestiné*, e *Physiologie du cocu*.

Apesar de tais obras levarem no título a palavra do contexto médico “physiologie”, bem como a escrita por Balzac, “[c]es *Physiologies* n’entretiennent que des rapports lointains avec les physiologies scientifiques” (Basset, 1986, p. 157); a linguagem médica, ainda segundo a estudiosa, cumpre uma função muito mais decorativa que explicativa. Balzac a emprega em alguns casos, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] comme on voit l’apoplexie s’attaquer aux gens dont le cou est court, comme le *charbon* (sorte de peste) se jette de préférence sur les bouchers, la goutte sur les riches, la santé sur les pauvres, la surdité sur les rois, la paralysie sur les administrateurs, on a remarqué que certaines classes de maris étaient plus particulièrement victimes des passions illégitimes. (1829, p. 76, grifos do autor).

² A *Physiologie du mariage* foi, portanto, publicada anonimamente. É apenas na edição de 1834, da editora Ollivier, em dois volumes *in-8º*, que a obra será publicada, pela primeira vez, assinada. No entanto, desde 1831, a autoria é conhecida; no prefácio de *La Peau de Chagrin* (1831), Balzac confessa ser o autor da *Physiologie du mariage*.

Talvez esse flerte com a medicina tenha contribuído, em grande parte, para que, quando da sua publicação, a *Physiologie du mariage* tenha causado certa polêmica, o que também contribuiu positivamente para o grande sucesso que a obra conheceu. A razão para tal polêmica talvez tenha sido a “scandaleuse indécence”, citando palavras de Sacy (1971, p.13), causada pelo fato de “considérer l’institution sacrée dans ses rapports avec les fonctions organiques de l’homme et, surtout, de la femme.” Nesse caso, as funções orgânicas a que Sacy se refere são as necessidades sexuais do ser humano; e ele diz sobretudo da mulher porque, *grosso modo*, a *Physiologie du mariage* é uma espécie de manual que ensina aos maridos como impedir suas esposas de cometerem o adultério. Porém, desde o início, Balzac parte do pressuposto de que as mulheres cedem a uma necessidade física, natural, e não julga o adultério feminino como algo imoral, como pode ser visto em outros autores.

Portanto, o sucesso da *Physiologie* perante aos contemporâneos de Balzac, segundo Prioult (1936, p. 427), deve-se ao fato de o autor ser “capable, tout en instruisant ceux qui veulent ‘rompre l’os’, de les faire rire, de les intéresser et de les faire réfléchir à leur insu”; apesar de o título sugerir um estudo de cunho biológico, o autor dessa “philosophie de la vie conjugale” propõe uma série de reflexões, seguidas de sugestões de mudanças, sobre o casamento, o adultério e a condição social das mulheres, e tudo isso com uma boa dose de humor.

A respeito dessa visão, por assim dizer, progressista de Honoré de Balzac, Théophile Gautier, em *Honoré de Balzac* (1859), exalta as opiniões “modernas” de Balzac expressas através de seus romances. A partir de uma comparação dos romances de Balzac com os de outros escritores anteriores, Gautier (1859, p. 62) afirma que esses mostravam, em suas narrativas, o amor numa esfera ideal, “en dehors des nécessités et des misères de la vie”. Balzac, por outro lado, no caso do casamento, do amor e do adultério, busca retratar as coisas como elas são; no caso das mulheres, “il l’aima dans ses vertus, dans ses vices, dans ses fantaisies, dans ses châles, dans ses robes, dans ses chapeaux, et la suivit à travers la vie, bien au-delà du point de la route où l’amour la quitte”. Em muitos momentos, na *Physiologie du mariage*, o autor mostra-se um grande defensor dos direitos das mulheres.

Apesar disso, Balzac desaconselha a leitura da *Physiologie du mariage* para as mulheres. Segundo ele, elas já sabem o que está escrito ali, ainda que não tenham lido o

livro³. No final desse mesmo parágrafo, que antecede a introdução, encontra-se uma frase mais enfática, quase uma ordem: [l]es dames n’entrent pas ici.” Assim, o autor delinea seu público alvo desde o início: os homens casados. Aqueles que não o são, “[a]insi soit-il toujours!”.

Destarte, os leitores de sua *Physiologie* são rapidamente confrontados com a arte que *l’homme d’esprit* sabia tão bem manejar, a saber: a arte de brincar com as palavras. Suas peripécias linguísticas – trocadilhos, calembures, anedotas, comparações imprevisíveis, chistes, metáforas, neologismos – são justificadas pelo tema do livro, já que “[i]l s’agit bien de plaisanter quand on parle de mariage !”

2. Balzac e o trabalho linguístico de suas obras

Apesar de haver apenas obras publicadas em prosa⁴, o trabalho de Balzac com a língua e a forma é, muitas vezes, aproximado ao de um poeta. Arthur Symons, em 1899, escreve o livro chamado *The symbolist movement in literature*, no qual procura analisar o estilo e o processo de criação literária de diversos autores, tais como os poetas Verlaine, Mallarmé, Baudelaire e Rimbaud, e os prosadores Zola, Flaubert e Balzac. Nesse livro, Symons busca mostrar as qualidades poéticas presentes em alguns desses prosadores; no caso de Honoré de Balzac, Symons afirma:

Condemned to write in prose, and finding his opportunity in that restriction, he created for himself a form which is perhaps the nearest equivalent for the *epic* or the *poetic drama*, and the only form in which, at all events, the epic is now possible. (1919, p. 10-11, grifos nossos).

A partir da citação acima, é possível perceber que, mesmo com a “restrição” – segundo a opinião de Symons –, de escrever apenas prosa, o crítico literário tende a classificá-lo como um poeta, pelo trabalho com a língua que Balzac faz. No entanto, ainda que o autor afirme que Balzac criou uma forma para si, Symons não parece levar em consideração questões de estilo, ou o trabalho linguístico dos romances de Balzac. Pelo contrário, Symons chama a atenção para o conteúdo da prosa balzaquiana. Segundo ele, Balzac era um poeta dos fatos: “[h]is vision of humanity was essentially a poetic vision, but he was a poet whose dreams were facts.” (1899, p. 14).

³ “La femme qui, sur le titre de ce livre, serait tentée de l’ouvrir, peut s’en dispenser, elle l’a déjà lu sans le savoir.” BALZAC, H. *Physiologie du mariage*, p. 18.

⁴ Segundo Lovenjou, em 17 de fevereiro de 1831, Balzac publicou, em *Caricature*, o poema “Ci-gît la muse de Béranger”.

Em contrapartida, Théophile Gautier, partindo de observações da vida pessoal de Balzac, ao longo da convivência que tiveram – desde a colaboração conjunta para o jornal *Chronique de Paris*, até a morte do autor –, em *Honoré de Balzac* (1859), ressalta não apenas a incapacidade linguístico-formal de Balzac perante aos versos, ao afirmar que “chez lui s’ouvrait un abîme entre la pensée et la forme”, mas também aponta a falta de sensibilidade e gosto para com a poesia: “[n]ous ne croyons pas, bien qu’il professât un grand respect pour Victor Hugo, qu’il ait jamais été fort sensible aux qualités lyriques du poète, dont la prose sculptée et colorée à la fois l’émerveillait.”

Não obstante tais julgamentos em torno da sensibilidade e do trabalho com a forma de Balzac, Gautier destaca o suposto desprezo que o autor demonstrava para com o trabalho dos versos: “[l]ui, si laborieux pourtant et qui retournait une phrase autant de fois qu’un versificateur peut remettre un alexandrin sur l’enclume, il trouvait le travail métrique puéril, fastidieux et sans utilité.” Com base em tal observação, é possível considerar que não é pelo tempo que levaria para construir versos ritmados que Balzac não se dedicava à poesia, mas sim pelo espaço oferecido pela prosa para se produzir, segundo o seu desejo expresso no prefácio da *Comédia humana*, a história dos costumes, uma vez que “[p]rose comes offering its infinite capacity for detail;”, segundo constatação de Symons.

O desejo de Balzac de retratar os costumes da sociedade francesa fez com que fosse além da descrição das vestimentas e das paisagens; o detalhamento comportou também a reprodução da linguagem de cada camada social por ele retratada (la haute société, la bourgeoisie, le peuple), bem como o vocabulário técnico de cada profissão (médecine, jurisprudence, prêtrise, marine, peinture, imprimerie). A sociedade francesa passava por transformações desde a Revolução Francesa, então os costumes, as necessidades, os utensílios e as roupas mudavam junto com a sociedade. E, segundo Bertault (1962, p. 214), Balzac foi o primeiro a querer englobar toda essa diversidade em seus romances; por isso, ele teve de usar “des métaphores colorées pour rendre les moindres nuances du monde extérieur, le relief des traits saillants, signes physiognomiques.”

Balzac, enquanto demonstrava através de seu texto novas palavras, novas formas de escrever palavras e expressões e, enfim, sua nova forma de usar da língua francesa para construir seus romances, fazia, ao mesmo tempo, reflexões a respeito da influência que a mudança da sociedade teve sobre a língua por ela falada. Théophile Gautier percebe que a língua francesa “épurée par les classiques” do século XVII, era adequada apenas para a descrição de ideias gerais, e para retratar figuras convencionais. Portanto, Balzac, na meditação VII, intitulada “De la Lune de miel”, apresenta a seguinte ponderação:

Nous ne pouvons donc plus parler la langue mâle, rude et grossière de nos ancêtres. L'âge dans lequel on fabrique des tissus si fins, si brillants, des meubles si élégants, des porcelaines si riches, devait être l'âge des périphrases et des circonlocutions. (BALZAC, 1829, p. 121).

Balzac foi então obrigado a encontrar para si uma língua especial, que criasse um espaço linguístico novo para dar conta das novas exigências retratistas do autor. Em seguida, trataremos de diversos recursos utilizados por Balzac na *Physiologie du mariage*, que certamente contribuíram para a percepção de que se estava diante de novidades linguísticas.

2.1 Neologismos na *Physiologie du mariage*

A respeito de suas criações de palavras, ainda que saibamos que nos *Contes drolatiques* (1837) encontram-se boa parte de seus neologismos, ao longo da *Physiologie du mariage* também há algumas criações. Geralmente, Balzac simplesmente insere sua nova palavra no meio da narrativa, e não faz comentários sobre o que acabou de fazer; pelo contrário, dá continuidade ao seu raciocínio como se tivesse acabado de empregar uma palavra há muito conhecida pelos seus leitores. No entanto, no caso do neologismo “minotauriser”, Balzac dedica boa parte da meditação VII para explicar, em primeiro lugar, por que era necessário criá-la, depois para mostrar por que era essa a palavra própria para descrever o que a ela está associado. Vejamos, na sequência, por que o autor preferiu cunhar o termo *minotauriser*, em lugar de empregar o termo *cocu*.

A palavra *cocu* faz-nos lembrar da peça de Molière (1622-1673), *Sganarelle ou le cocu imaginaire* (1660). Balzac não só sabia disso, como alude explicitamente a esse autor quando reflete sobre o termo que, uma porção de vezes, é empregado com o propósito de descrever o marido traído. Entretanto, a despeito do uso frequente de tal palavra, o autor propõe sua própria terminologia:

Il faut donc essayer de forger quelque mot nouveau pour remplacer la comique expression dont s'est servi Molière : puisque, comme a dit un auteur contemporain, le langage de ce grand homme est trop libre pour les dames qui trouvent la gaze trop épaisse pour leurs vêtements. (BALZAC, 1829, p. 122).

Antes, entretanto, de expor qual seria a palavra e o porquê de sua escolha, o autor retoma uma personagem da mitologia grega:

Çà et là quelques bocages fleuris s'offraient à sa vue, mais au milieu d'une multitude d'allées qui se croisaient dans tous les sens et présentaient toujours à l'œil une route uniforme ; parmi les ronces, les rochers et les épines, le patient avait à combattre un

animal nommé le Minotaure. Or, madame, si vous voulez me faire l'honneur de vous souvenir que le Minotaure était, de toutes les bêtes cornues, celle que la mythologie nous signale comme la plus dangereuse ; que, pour se soustraire aux ravages qu'il faisait, les Athéniens s'étaient abonnés à lui livrer, bon an, mal an, cinquante vierges. (BALZAC, 1829, p. 122).

Portanto, o autor, antes de anunciar qual seria a sua contribuição ao léxico da língua francesa, começa pela explicação do processo que o levou até o novo termo proposto: depois de retomar o mito que envolve a figura do Minotauro e o labirinto, o “docteur ès arts et sciences conjugales” convence-nos de que o mito não é senão uma alegoria para os perigos do casamento. Assim, vemos Balzac declarar que, quando uma mulher for “inconséquent”, não se deve chamar mais o marido de *cocu*, mas sim, “le mari serait, selon moi, *minotaurisé*”. Tal criação lexical faz-nos lembrar da constatação do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), de que “[a]s palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas”⁵, pois a criação desse adjetivo – que também aparecerá em sua forma verbal *minotauriser* em outras partes⁶ – parece-nos um dos neologismos mais criativos encontrados na *Physiologie du mariage*, uma vez que, além de brincar perversamente com o tema do adultério, Balzac foi capaz inclusive de cunhar um novo verbo, que será usado por outros escritores, tal qual Charles Baudelaire (1821-1867) alguns anos depois.⁷

O neologismo em questão pode ser tomado como um chiste, dadas a forma com que Balzac apresenta a palavra e a associação que se fez com o homem traído. Segundo as especulações feitas por Freud no mesmo texto sobre os chistes, o chiste/neologismo explicitado acima (*minotaurisé* ou *minotauriser*) pode ser apreendido tal como o citado por Heymans (1896), retirado do poeta Heine (1797-1856): a palavra “*famillionär*”. Tanto *minotauriser* quanto *famillionär*, parecem, a princípio, “estar erradamente construída[s], ser algo ininteligível, incompreensível, enigmático”, o que satisfaria a condição de desconcerto causado pelo chiste; conseqüentemente, assim que compreendemos o significado real dessas palavras, surge o efeito cômico. Apesar de ambas poderem ser explicadas por, aproximadamente, as mesmas características de certos chistes, faz-se necessário ressaltar que *famillionär*, como bem explicado pelo psicanalista, é resultado de um processo de condensação, ou seja, da justaposição das palavras familiar (*familiär*) e

⁵ Foi utilizada a versão Kindle de *O chiste e suas relações com o inconsciente*, por isso não aparecerá as páginas nas citações.

⁶ A palavra aparecerá nas seguintes formas, com suas respectivas quantidades ao longo da *Physiologie du mariage*: “*minotaurisme*”, aparece uma vez; “*minotauriser*”, aparece quatro vezes; “*minotaurisé*”, aparece dez vezes; “*minotaure*”, aparece dezenove vezes.

⁷ Cf. *Trésor de la Langue Française*, s.v. « *minotauriser* ».

milionário (*Millionär*), ao passo que *minotauriser* é a transformação do nome próprio de uma figura mitológica (*Minotaure*) em um verbo de sufixo “-iser”, (*minotauriser*), isto é, de um processo de deslocamento da figura mitológica do Minotauro para o marido traído.

Ademais, a partir da pergunta de Freud se, em alguns casos, “o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo o caráter de um chiste, ou [se] o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença”, é possível pensar que, na verdade, o neologismo *minotauriser* produz o efeito cômico pelos dois motivos: primeiro porque o tema do homem traído rende, em geral, muitos chistes e, segundo, porque a forma da palavra criada também. Em contrapartida, no caso de *famillionär*, Freud chega à conclusão de que o caráter chistoso reside na forma, e não no pensamento, pois ao tentar parafrasear *famillionär*, o efeito cômico some.

Além da palavra *minotauriser*, o autor, quando descreve uma cena que viveu em sua juventude – segundo ele, no ano de 1819, quando vivia num eremitério –, usa as seguintes palavras para retratar o caseiro que morava numa casa de campo isolada e bem próxima dele: “homme célèbre par son originalité, et qui, entre autres *héliogaballeries*, allait à l’Opéra, les cheveux poudrés d’or” (grifos nossos). A palavra destacada, isto é, “*héliogaballeries*”, é outro neologismo que aparece na obra; dessa vez, não há explicações, nem reflexões a respeito da palavra criada. Presume-se apenas que o neologismo remete ao imperador romano Heliogábalo (cerca de 203 – 222) e, provavelmente, ao seu estilo de vida, já que o substantivo é usado para descrever os hábitos do caseiro. *Héliogaballeries*, ao contrário de “*minotauriser*”, parece não ter tido grandes repercussões, uma vez que, até o momento, nem mesmo o *Trésor de la Langue Française* reconhece a palavra.

Por fim, outra palavra diferente encontrada foi “*incornifistibulées*”. Na meditação V, “*Des prédestinés*”, o autor passa a descrever as profissões e os comportamentos dos homens casados que, de certa forma, contribuem para o surgimento de um amante de suas esposas. Logo, aparecem descritos os homens que estão sempre preocupados: “les hommes à qui de vastes et sérieuses occupations ne laissent pas une minute pour être aimables; leurs fronts sont toujours soucieux, leur entretien est rarement gai.”; então, o autor classifica tais homens de “*troupes incornifistiblées*”. Nesse caso, entretanto, não é possível afirmar que foi uma criação própria a Balzac, mas apenas a escolha do emprego da palavra cunhada por Rabelais, em *Le tiers livre* (1546). É curioso notar que “*incornifistibulé*” era, até a *Physiologie du mariage*, uma palavra de ocorrência isolada (*hápax*); contudo, mesmo depois da retomada de Balzac, a palavra continua, até o momento, não fazendo parte do *Trésor de la Langue Française* e, aparentemente, não se encontra em nenhuma outra obra

literária. Como Diaz (2018) recorda, o uso do neologismo vai além de uma questão meramente cosmética, mas faz parte da própria imagem que o escritor tem de si, como criador:

[...] c'est en tant qu'écrivain que Balzac se veut néologue, revendiquant le droit à la néologie, pour lui-même mais aussi de manière générale pour le grand écrivain, dont la force d'innovation ne peut pas ne pas s'en prendre la langue, et qui, selon Balzac comme selon Mercier, a des droits spéciaux pour le faire. (DIAZ, 2018, p. 1).

É possível que essa prática de criar neologismo se coadunasse com a própria dificuldade de se relacionar com a língua francesa. Dificuldade essa apontada, entre outros, por Gautier. O autor não detalha que tipo de dificuldade Balzac tinha, se era de ordem ortográfica, lexical, sintática ou outra. O fato é que realmente alguns erros gramaticais aparecem aqui e ali, como a falta de concordância do particípio passado, o emprego errado do pronome *en*, ou sua forma de escrever a expressão “sens dessus dessous”, um pouco diferente da forma antiga “cen dessus dessous”. Curioso notar que Balzac afirma, na meditação III, cujo tema é o perfil da mulher honesta (“De la Femme Honnête), que uma mulher que comete certos erros ao falar a língua francesa não pode ser considerada honesta. “Une femme qui dit une lettre *d'échange* pour une lettre de change, *souyer* pour soulier, pierre de *lierre* pour pierre de liais, qui dit d'un homme : « Est-il *farce* monsieur un tel ! » ne peut jamais être une femme honnête, quelle que soit sa fortune.” Outrossim, quis Balzac brincar com a linguagem de maneira a instigar a curiosidade dos leitores e, para isso, chegou até mesmo a criar uma espécie de enigma, sobre a qual falaremos a seguir.

2.2 Enigma

A grande variedade de temas relacionados à instituição casamento é abordada sob divisão em capítulos temáticos, cujos títulos, chamados de meditações, contam com um total de trinta. Algumas palavras-chave costumam indicar a partir de qual campo o narrador pretende mover-se. É possível prever que a meditação XI, por exemplo, discorrerá sobre a educação da mulher, uma vez que seu título é “De l'instruction en ménage” – fato que realmente se comprova. Porém, tem-se um caso curioso na meditação XXV, de título “Des alliés”; a partir da constatação do narrador de que: “[d]eux êtres unis par le mariage sont soumis à l'action de la religion et de la société ; à celle de la vie privée, et, par leur santé, à celle de la médecine”, ele toma a decisão de dividir a meditação em seis subdivisões, dentre as quais a primeira de título “Des religions et de la confession,

considérées dans leurs rapports avec le mariage”. No caso em questão, somos rapidamente surpreendidos, pois a meditação não se ocupa da religião com relação ao casamento, mas sim de alguma coisa misteriosa que ainda não foi decifrada. Logo após as primeiras linhas, nas quais o autor cita o moralista francês do século XVII, La Bruyère (1645-1696)⁸, encontramos diversas letras reunidas, aparentemente formando palavras, mas que não parecem ter um verdadeiro significado.

Segundo Rónai (1957), o enigma de Balzac instiga a curiosidade de leitores desde a primeira edição, em 1829. Como esperado, uma gama de suspeitas e sugestões surge: parte dos leitores acredita ser erro tipográfico, outra um enigma; um estudioso de Balzac, Spoelberch de Lovenjoul (1836-1907), verifica que o autor troca os caracteres das palavras sem sentido a cada nova edição da *Physiologie du mariage*, ao passo que outro estudioso, Emmanuël Souchier (2015), chama tais páginas de “carnaval typographique”, como se, nos dias de hoje, um autor simplesmente apertasse teclas de um computador sem sequer olhar. Fato ainda mais curioso é que Balzac acrescentou à primeira edição da obra uma errata que dizia: “[p]our bien comprendre le sens de ces pages, un lecteur honnête homme doit en relire plusieurs fois les principaux passages; car l’auteur y a mis toute sa pensée.”, ou seja, o autor quer dizer que sua ação não foi sem propósito. Aparentemente, o debate não se esgotará, já que, segundo Rónai (2012, p. 30), o enigma “nunca poderá ser desvendado completamente, a não ser que o manuscrito, perdido, da *Fisiologia do casamento* venha a ser encontrado.”

2.3 Metáforas

Afora o vocabulário médico usado ao longo da *Physiologie*, Balzac também investiu em metáforas bélicas. A princípio, pensa-se que o autor usa tal figura de linguagem para comparar o casamento a uma batalha, o que ocorre, de fato, em alguns momentos: “[m]uni de tous ces avantages, à peine un mari pourra-t-il entrer en lice avec l’espoir du succès.” Porém, a batalha é comparada, de igual modo, a batalhas menores, aquelas lutadas no íntimo dos cônjuges; tomemos como exemplo a luta de uma mulher contra seus desejos sexuais fora do casamento:

Alors, et avant même qu’aucun amant ne se présente, une femme en discute pour ainsi dire la légalité; elle subit un combat que se livrent en elle les devoirs, les lois,

⁸ “La Bruyère a dit très-spirituellement : — « C’est trop contre un mari que la dévotion et la galanterie : une femme devrait opter. » L’auteur pense que la Bruyère s’est trompé.” BALZAC, H. *Physiologie du mariage*, p. 321.

la religion et les désirs secrets d'une nature qui ne reçoit de frein que celui qu'elle s'impose. (BALZAC, 1829, p.124-125).

Além de tais “guerras”, ocorre também uma batalha entre o marido e os solteiros, a ameaça constante para o casamento:

La conspiration ourdie contre vous par notre million de célibataires affamés semble être unanime dans sa marche. Quoique tous ces damoiseaux soient ennemis les uns des autres et que pas un d'eux ne se connaisse, une sorte d'instinct leur a donné le mot d'ordre. (BALZAC, 1829, p. 126).

Por fim, deparamo-nos também com comparações compostas por metáforas bélicas e médicas numa única frase: “[a]lors se déclarent, dans votre femme, ce que nous appellerons *les premiers symptômes*, et malheur à qui n'a pas su les combattre !” (grifos do autor).

2.4 Humor

“N'est-ce pas la comédie des comédies ?”

Após uma primeira leitura da *Physiologie du mariage*, conclui-se que ela é, *grosso modo*, uma espécie de manual – com uma série de indicações, exemplos e conselhos –, com vistas a ensinar aos maridos como evitar o *status de cocu* (‘corno’). O tema, por si só, pode carregar um tom malicioso e desencadear inúmeros chistes; e a *Physiologie* está repleta deles. Anteriormente, vimos algumas das peripécias linguísticas de Balzac, seus neologismos e, dependendo do ponto de vista, seus “erros” gramaticais ou seu jeito próprio de escrever algumas palavras e expressões. Além de todas essas criações, Balzac também manifesta sua criatividade com muito bom humor, em forma de calembures, anedotas e trocadilhos. Pois é como Samuel S. de Sacy afirma, no prefácio à edição da Gallimard (1971, p. 9): “n'en doutons pas, tandis qu'il écrivait le livre, il s'amusait; et s'amusant de s'amuser, il s'amusait à s'amuser, et il se promettait bien de nous amuser.”.

Balzac coloca todo seu *esprit* ao longo da *Physiologie du mariage*, apesar de saber que o tema da obra é algo tão comum quanto é o casamento na literatura. O autor sabe que: “[l]e mariage est plus connu que Barrabas de la Passion;” e também que: “toutes les vieilles idées qu'il réveille roulent dans les littératures depuis que le monde est monde, et il n'y a pas d'opinion utile et de projet saugrenu qui ne soient allés trouver un auteur, un imprimeur, un libraire et un lecteur.” Porém, como o próprio autor expõe que o tema já foi extensivamente trabalhado e, mesmo assim, decide escrever uma obra só sobre isso, pode-

se ser levado a concluir que ele acredita que fará algo diferente, de certa forma inédito. Observação que se confirma na introdução da *Physiologie du mariage*, quando afirma que: “[u]ne seule peut-être était restée en fait de mariage, celle de recueillir les choses que tout le monde pense et que personne n’exprime;”.

Ao longo de sua obra que divulga o que ninguém tinha tido coragem de dizer antes, Balzac brinca com certos aspectos do casamento e, principalmente, de sua “*maladie conjugale*”, o adultério, através de anedotas que poderiam causar um escândalo na época em que foi publicada – e de fato a *Physiologie* gerou uma série de polêmicas que contribuíram para a fama de Balzac. Em sua arte de “anedotar” – outro neologismo do autor –, Balzac procura argumentar que, o que motiva suas pilhérias, é o tema de sua *Physiologie*: “[l]a matière était si grave qu’il a constamment essayé de l’anecdoter, puisqu’aujourd’hui les anecdotes sont le passeport de toute morale et l’antinarcotique de tous les livres.”.

As anedotas que se encontram espalhadas pela obra são ora criações do autor, ora cópias de outros autores, tal qual do “philosophe éclectique du dix-huitième siècle”, Nicolas Chamfort (1741-1794), cujas máximas também serão reproduzidas na *Physiologie*. Reproduziremos, a seguir, uma anedota aparentemente criada por Balzac, acerca da figura do *cocu* (homem traído): “Un matin, le prince de Ligne rencontre l’amant de sa femme, et court à lui, riant comme un fou : - Mon cher, lui dit-il, cette nuit je t’ai fait cocu !”

Seguindo algumas das propostas de Sigmund Freud (1856-1939), acerca da composição dos chistes em *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905), o chiste acima transcrito causaria, num primeiro momento, uma certa confusão, visto que o marido fala o que se esperaria ouvir do amante – ou o que, na verdade, não se esperaria ouvir de ninguém. Por esse motivo, além do desconcerto comum a muitos chistes, aqui também se encontra o “sentido do *nonsense*”, levantado por Lipps (1896), e citado por Freud: “[a]quilo que, em certo momento, pareceu-nos ter um significado, verificamos agora que é completamente destituído de sentido.”

Portanto, se pensarmos nas formas de análise dos processos chistosos utilizados por Freud, poderíamos tentar explicar essa anedota por um processo de deslocamento, que, nesse caso, ocorreu com a transferência da fala que supostamente seria do amante, para a do marido. Inicialmente, os leitores são tomados pelo desconcerto; em seguida, compreende-se que o que causa o riso é justamente o inesperado, decorrente do deslocamento e do fato de algo dessa natureza ter sido dito.

Por último, além das características descritas, pode-se identificar também um processo de condensação. O comentário chistoso do marido, justamente por ser dirigido ao amante da esposa, serve para mostrar duas coisas: primeiro, que o marido está a par do adultério da esposa, e até mesmo sabe quem é o amante; segundo, o marido impõe-se como uma autoridade, visto que é como se dissesse “*eu sou o marido, eu tenho direito de ter relações com a minha esposa*”.

O chiste brevemente analisado acima trabalha, sobretudo, com o tema do adultério. Porém, ao longo das trinta meditações que compõem a *Physiologie du mariage*, Balzac surpreende-nos com muitos outros chistes, de temas variados. A seguir transcrevemos outro excerto chistoso:

Les hommes remarquables qui élevèrent le monument immortel de nos codes étaient presque tous d'anciens légistes frappés de l'importance des lois romaines ; et d'ailleurs, ils ne fondaient pas des institutions politiques. Fils de la Révolution, ils crurent, avec elle, que la loi du divorce, sagement rétrécie, que la faculté des *soumissions respectueuses* étaient des améliorations suffisantes. (BALZAC, 1829, p. 145, grifos nossos).

As palavras destacadas, “*soumissions respectueuses*”, referem-se, com uma modificação sutil, à expressão existente na língua francesa “*sommation respectueuse*”, cujo significado é, segundo o *Trésor de la langue française*, “[a]cte solennel par lequel, dans la législation française en vigueur encore au début du XX^e siècle, l'enfant majeur jusqu'à un certain âge requérait ses parents de donner leur consentement au projet de mariage qu'il avait formé.”. Visto isso, e passado o estranhamento inicial, conclui-se que, propositalmente, o autor fez um calembur, uma vez que trocou uma das palavras da expressão por outra foneticamente semelhante, técnica que produz um bom chiste, segundo afirmação de Freud, ainda no mesmo texto, de “que quanto mais leve for a modificação melhor será o chiste”.

Nesse caso, parece-nos viável analisar esse calembur sob a ideia de deslocamento, pois, ao estar inserido num parágrafo cujo tema é leis e códigos matrimoniais, o autor desvia a expectativa do leitor de encontrar a expressão já conhecida, em direção a seu julgamento subjetivo em relação ao casamento – encontrado também no chiste, transcrito por Freud, sobre o desempenho dos dois irmãos na escola. Mesmo na versão balzaquiana da expressão, a palavra mantida, “*respectueuse*”, continua a contribuir para o sentido pretendido, já que, se o casamento é apontado como uma submissão, ela não deixa de ser uma relação atenciosa, respeitosa entre os cônjuges.

Por fim, se aplicássemos a técnica de redução usada por Freud a fim de descobrir os processos de formação de um chiste, poderíamos pensar, em primeiro lugar, que se o autor tivesse mantido a expressão existente “*sommatation respectueuse*”, o tom chistoso sumiria completamente, engolido pela uniformidade temática do parágrafo; em segundo lugar, se ele tivesse escolhido outra palavra de significado parecido a “*soumission*”, como “*servitude*”, por exemplo, não encontraríamos um calembur efetivo, pois a similaridade sonora teria desaparecido; por último, se Balzac tivesse dito que achava que o casamento é uma submissão, o mesmo efeito cômico não seria mantido.

Referências bibliográficas

BALZAC, H. *Physiologie du mariage*. Paris: Gallimard, 1971. Col. Folio Classique.

_____. *La Peau de Chagrin*. Paris: Librairie Générale Française, 1995.

BARBÉRIS, P. *Balzac une mythologie réaliste*. Paris: Larousse, 1971.

BARRIÈRE, M. *L'œuvre de H. de Balzac : Étude littéraire et philosophique sur la Comédie Humaine*. Paris: Calmann Lévy, 1890.

BASSET, N. La « Physiologie du mariage » est-elle une physiologie ? In: *L'Année balzacienne*, n°7, p. 101-114. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

_____. Les physiologies au XIX^e siècle et la mode. In: *L'Année balzacienne*, n°5, p. 157-172. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

BERTAULT, P. *Balzac*. Paris: Hatier, 1962.

BRUNETIÈRE, F. *Honoré de Balzac*. Paris: Calmann-Lévy, 1906.

CITRON, P. *Dans Balzac*. Paris: Seuil, 1986.

DIAZ, J. *Mots nouveaux, mots à la mode: Balzac théoricien et praticien du néologisme*. 2018. [Texto ainda não publicado e enviado por e-mail].

FREUD, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2017, Versão Kindle.

_____. O humor (1927). In: *Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 21.

GAUTIER, T. *Honoré de Balzac*. Paris: Librairie Poulet-Malassis et de Broise, 1859.

MARCEAU, F. *Balzac et son monde*. 2^a. ed. Paris: Gallimard, 2008.

MOZET, N. *Balzac au pluriel*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

_____. Guide orthographique de *La Comédie Humaine* de Balzac. In: Groupe International de Recherches Balzaciennes, Groupe ARTFL (Université de Chicago), Maison de Balzac (Paris). Disponível em: <http://www.v1.paris.fr/commun/v2asp/musees/balzac/furne/orthographique.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

PIERROT, A. Style de genèse et style d'auteur. In: *Romantisme*. 2010/2 (n° 148), p. 103-113. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-romantisme-2010-2-page-103.htm>. Acesso em: 3 out. 2018.

PRIOULT, A. L'achèvement de la "Physiologie du mariage". In: _____. *Balzac avant la Comédie humaine (1818-1829) : Contribution à l'étude de la genèse de son œuvre*. Paris: Librairie Georges Courville, 1936.

RÓNAI, P. *Balzac e a Comédia Humana*. São Paulo: Globo, 2012.

_____. (org). *A Comédie humana de Honoré de Balzac*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

SOUCHIER, E. *Le Carnaval typographique de Balzac : Premiers éléments pour une théorie de l'irréductibilité sémiotique*. Communication et langages, ISSN 0336-1500, N° 185, 2015, p. 3-22. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communication-et-langages1-2015-3-page-3.htm>. Acesso em: 7 mai. 2018.

SYMONS, A. Balzac. In: _____. *The symbolist movement in literature*. New York: E.P. Dutton & Company, 1919, p. 10-43.

TLFi: *Trésor de la langue Française informatisé*. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em: 29 set. 2018.